

# UNIVERSIDADE DE TRÁS- OS-MONTES E ALTO DOURO



## CARACTERIZAÇÃO DA RAÇA MARONESA MANEIO, INSTALAÇÕES E PATOLOGIAS

Trabalho de grupo no âmbito da Disciplina de Clínica de  
Espécies Pecuárias



Joana Sousa  
João Dias  
Mário Silva  
Paula Paulo  
Rui Mota

Vila Real, Maio de 2008

# **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar gostaríamos de agradecer ao Sr. Professor João Simões pela transmissão de conhecimentos e por toda a disponibilidade e ajuda prestada na realização deste trabalho.

À Associação de Criadores da Raça Maronesa pela sua amabilidade na cedência do registo dos sócios e pela sua simpatia com que nos receberam.

A todos os produtores da Raça Maronesa que colaboraram no preenchimento dos inquéritos realizados, pela recepção nas suas casas e propriedades e pela sua generosidade na cedência de todos os dados indispensáveis à concretização deste trabalho.

## **1. INTRODUÇÃO**

O objectivo deste trabalho incluiu principalmente o interesse dos autores em conhecer de forma aprofundada as características da raça e a sua integração na realidade portuguesa e em particular no contexto rústico e desfavorecido do interior transmontano. Para tal, foi realizado um estudo prévio de caracterização do solar da raça, das regiões a visitar e das explorações aí existentes.

A finalidade deste relatório consistiu em adquirir uma percepção geral e concisa das explorações da referida raça autóctone, avaliando as características do maneio, aspectos zootécnicos e procedimentos médico-veterinários levados a cabo.

O trabalho apresentado pretendeu permitir uma aproximação à realidade que se encontra presente nos pequenos sistemas de exploração maronês, sendo proveitoso ainda sob o ponto de vista de socialização com “as gentes” que habitam o âmago da região transmontana.

Desta forma, desenvolveu-se um inquérito com várias perguntas relativas às temáticas da Zootecnia, Sanidade Animal e apoio médico-veterinário. Com as repostas obtidas foi realizado um breve estudo estatístico das variáveis quantitativas e discutidas as variáveis qualitativas.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DA RAÇA MARONESA

O bovino Maronês, também conhecido como Alvanês, Serrano, Penatas, Vacas Molares, é uma das raças autóctones da região de Trás-os-Montes e Alto Douro<sup>12</sup>. Tem origem no *Bos primigenius* que povoou a Península Ibérica aquando do primeiro movimento dos bovinos em estado selvagem, pelo que a sua filiação étnica assenta no tronco Negro Ortóide.

Nesta raça tem origem a carne maronesa que constitui uma Denominação de Origem Protegida (DOP) nacional. Este produto resulta do genitivo característico do bovino maronês, do seu solar, posteriormente referido, e das estruturas peculiares de produção utilizadas, muito interessantes do ponto de vista ecológico. Actualmente, de acordo com a Associação de Carne Maronesa, fundada em 1988 no sentido de preservar esta raça, existem 2048 criadores dos quais 1843 são sócios.



**Fotografia I** – Bovino macho da raça Maronesa (Fonte: Associação de Criadores da Raça Maronesa, Vila Real)<sup>6</sup>.

As explorações agrícolas desta região são, de uma forma sumária, caracterizadas pelo elevado emparcelamento. O bovino de raça maronesa é um animal extraordinariamente rústico, ágil e energético<sup>10</sup> resistindo assim ao clima agreste bem como às arcaicas condições, equipamentos e instalações que estão presentes na maioria das referidas explorações. Estes animais altamente adaptados ao meio onde habitam podem contribuir para fixação das populações nas zonas rurais deprimidas, uma vez que é possível obter rentabilidade a partir dos escassos recursos naturais existentes<sup>12</sup>.

Esta raça encontra-se extremamente bem adaptada ao trabalho, sendo utilizada para produção de carne (DOP). Tem um peso médio de 550 a 650 kg e um rendimento de 56%<sup>16</sup>.

## **2.1. Padrão da Raça**

O bovino maronês é bem proporcionado, caracterizando-se pela pequena corpulência, conformação regular, linha dorso-lombar direita, percorrida em toda extensão por um listão mais ou menos evidenciado, sendo o terço posterior regularmente desenvolvido.

Raça psiquicamente viva, morfologicamente de braquicefalia notória, eumétrica, mas de forte heterometria, mediolínea, de aloidismo ortóide na sua génese, embora seja frequente a sub-convexidade da fronte quando se manifesta a infiltração genética da raça Mirandesa, de tipo constitucional robusto e digestivo.

A forma corporal é rectangular nas fêmeas e nos machos jovens. A aparência é fina sem ser, contudo, frágil, uma vez que apresenta um forte carácter dinamoforo, nos tipos de montanha e aparência mais robusta nos tipos de planície. A cabeça é curta, seca e expressiva; ampla na porção craneal e larga na porção facial. A fronte é larga e com uma ligeira depressão central, mais evidenciada devido às protuberâncias orbitais. A

marrafa é abundante, de pêlos curtos e lisos e de cor avermelhada. Os cornos em forma de lira e com inserção de tipo ortocero. Os olhos são grandes e ligeiramente salientes. As orelhas são bem inseridas. O chanfro é recto e o focinho é largo de cor preta e orlado de branco. O pescoço, nos machos, é medianamente musculado e de bordo superior convexo; nas fêmeas é fino e direito.

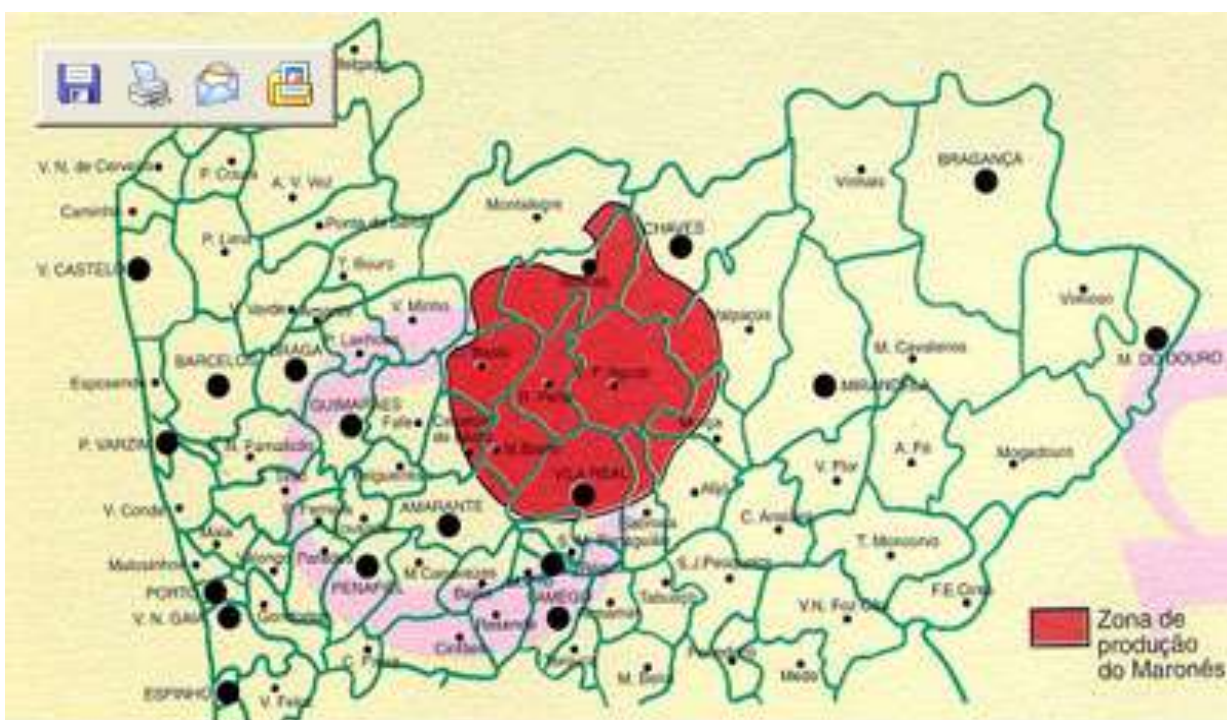
O tronco é bem proporcionado, de cernelha ligeiramente saliente e linha dorso-lombar ligeiramente lordósica com a consequente elevação da região da cauda principalmente nos animais adultos. O peito é medianamente largo, o tórax é profundo e as costelas bem arqueadas. A garupa é larga na região bi-ilíaca e muito estreita na bi-isquiática. O ventre é grande e os flancos são extensos. A cauda é, normalmente, de inserção alta, medianamente grossa, de secção circular e regularmente encabelada. O sistema mamário é bem desenvolvido com o úbere coberto de pêlos grandes e finos. Os tetos são grossos e com um desenvolvimento normalmente assimétrico. Os membros são de longitude média, de ossos finos e de estrutura anatómica perfeita. As unhas são pequenas, duras e pigmentadas. Os aprumos são correctos. As mucosas são pigmentadas.

A pele é fina e elástica, revestida por pelos luzidios, constituindo no conjunto uma pelagem castanho-escuro, geralmente um pouco mais aberta no costado, mas tornando-se clara no períneo e sobretudo na região mamária e testicular onde os pêlos são mais finos e mais claros. Esta tonalidade, sobretudo na mama, termina bruscamente para dar nas proximidades da sua inserção anterior continuidade ao castanho-escuro. A barbela tem um desenvolvimento mediano<sup>16</sup>.

As crias nascem claras tornando-se mais escuras por volta do primeiro ano de idade adquirindo uma tonalidade semelhante ao bovino adulto.

## 2.2. Solar

O solar do maronês corresponde a toda a região serrana do Marão e Alvão, estendendo-se por todo o concelho de Vila pouca de Aguiar, Vila Real, Mondim de Basto, Ribeira de Pena e Ribeira de Serva até ao rio Tâmega, defronte do Barroso e ainda a região da Padrela (Mapa I).



**Mapa I-** Solar de criação, zona de expansão e região de produção da raça Maronesa<sup>5</sup>.

## 2.3. Reprodução

A fertilidade pode ser definida como a percentagem de vacas gestantes do total colocado em cobrição (método mais utilizado nesta raça). No entanto esta é difícil de quantificar devido à repartição da época de partos ao longo de todo o ano. Na raça Maronesa a fertilidade ronda os 93.8% e o intervalo entre partos é de 389 dias<sup>12</sup>.

O primeiro estro ocorre por volta dos dez meses. Nas vacas adultas este tem a duração de 18 horas, sendo muito irregular em fêmeas jovens. A intensidade da manifestação varia de indivíduo para indivíduo.

As novilhas não devem ser cobertas até que estas possuam uma boa taxa de crescimento corporal que permita obter a corpulência necessária para realizar um parto de forma fisiológica.

No entanto, não se deve prolongar muito a idade do primeiro parto porque, segundo Salisbury *et al* (1978), as fêmeas que parem a uma idade relativamente jovem (24 meses) têm mais vitelos durante a sua vida reprodutiva.

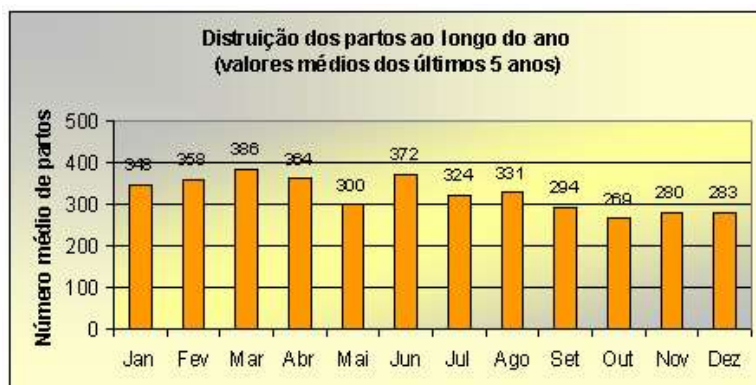
As características gerais dos parâmetros reprodutivos para a raça Maronesa estão descritas sucintamente na Tabela I.

O peso médio na primeira cobrição é de cerca de 286 kg.

Os partos distribuem-se ao longo de todo o ano, embora com alguma irregularidade mensal (Gráfico I).

Idade ao 1º parto	
Parâmetros	Idade
Média	828
D. Padrão	114,9
Coef. Variação	0,139
Máximo	1095
Mínimo	576
N	2570
Mediana	815
1º Quartil	739
3º Quartil	909

**Tabela I** – Caracterização dos parâmetros reprodutivos da raça Maronesa<sup>5</sup>.



**Gráfico I** – Distribuição média dos partos ao longo do ano<sup>14</sup>.



Por intermédio do incentivo e da actividade da Associação de Criadores da Raça Maronesa (ACM) cada vez mais se recorre à inseminação artificial<sup>18</sup>. Os resultados têm sido satisfatórios nomeadamente no intervalo entre partos que de 2000 a 2002 baixou de 411 para 384 dias. Pela análise da Tabela II verificamos que a taxa de fecundidade das fêmeas inseminadas através da ACM ronda os 88% com excepção do último ano em que foi um pouco menor (85%).

<b>ANO</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>
N.º fêmeas cobertas	4691	4319	4496	4288	4608
N.º fêmeas paridas	4105	3801	3957	3773	3917

**Tabela II** – Número de fêmeas cobertas e paridas. Fonte: Associação de Criadores da Raça Maronesa<sup>14</sup>.

## **2.4. Alimentação**

A alimentação é constituída essencialmente por pastos naturais característicos da região (e, como tal, pobres), resíduos provenientes da actividade agrícola e ainda feno ou palha. O bovino adulto é mantido em regime de semi-estabulação ao longo do ano, e alimentado de acordo com a época do ano.

Na estação fria (Outono/Inverno) o período de estabulação é superior ao período de pastoreio. Os animais são alimentados com feno e palha previamente armazenados. Com o início do dia é distribuído o alimento seco referido, podendo também ser adicionados outros produtos decorrentes da actividade agrícola. De acordo com as condições meteorológicas, os animais podem sair para pastoreio a partir do meio-dia e regressar à noite para serem alimentados novamente.

No período primaveril devido à escassez de alimentos armazenados e à melhoria das condições ambientais, os alimentos secos são distribuídos de manhã e à noite em menor quantidade. Os animais passam mais tempo em pastagem principalmente em lameiros<sup>10</sup>.

No Estio, os bovinos saem de manhã cedo, regressam antes do meio-dia e voltam ao pasto ao fim da tarde até à noite, evitando as maiores horas de calor e exposição solar.

Os animais jovens (menos de um ano de idade) não saem do estábulo desde o nascimento até ao abate, com excepção das novilhas criadas para substituição das vacas adultas que, por volta dos dez meses saem para o pasto com as mães.

Desde o nascimento até aos três meses de idade, as crias permanecem sempre com as mães alimentando-se apenas do leite pela mãe fornecido. Após os três meses as crias são separadas das mães até à venda dos vitelos (5-6 meses). Nesta fase são amamentados 2 vezes por dia, de 12 em 12 horas, iniciando a ingestão de alimentos sólidos. Após este período, se não forem vendidos, mamam apenas uma vez por dia.

A engorda tem início aos seis meses, sendo alimentados com os melhores alimentos que os criadores possuem: erva mais tenra, feno, milho, entre outros.

O peso atingido por vitelo varia desde 70 a 110kg de carcaça, dependendo do sexo e da idade no momento da venda.

## 2.5. Carne Maronesa DOP

À carne bovina maronesa é-lhe atribuída a denominação de origem protegida, designada comercialmente por **CARNE MARONESA – DOP**, sendo caracterizada pelas suas particularidades sensoriais, nutritivas e higienosanitárias de elevada qualidade. Esta carne resulta da conjugação de três vectores: um **genótipo**, único da raça bovina maronesa, uma **região**, delimitada pelas serranias do Marão – Alvão – Padrela e um **modo de produção** diferenciado e amigo do ambiente.

As características desta carne são, na vitela, a cor rosa, com alguma gordura uniformemente distribuída e de cor branca, no novilho, com cor vermelha clara com moderada gordura intramuscular de cor marfim e músculo de grão finíssimo, com consistência firme e ligeiramente húmido; e na vaca, com cor vermelha escura, com forte gordura intramuscular de cor marfim e músculo com consistência firme e húmido. O aroma é simples e delicado, a suculência é extraordinária e o sabor é excepcional, proporcionando sensações olfactivas e gustativas ímpares<sup>8</sup>.

O produto apresenta-se num **mercado especial** em meias carcaças ou desmanchada em porções específicas embaladas em vácuo, devidamente rotulada, isto é, com identificação do matadouro, rótulo do agrupamento de produtores e selo de certificação, e segundo três grandes tipos:

- **Vitela** – carne proveniente de animais abatidos entre os 5 e os 9 meses de idade, com peso de carcaça entre os 75 e os 130 kg;
- **Novilho** – carne proveniente de animais abatidos entre os 9 e os 24 meses de idade, com um peso de carcaça mínimo de 130 kg
- **Vaca** – carne de animais abatidos entre os 2 e os 4 anos de idade com peso de carcaça entre os 200 e 300 kg.

## 2.6. Vantagens e Desvantagens do Sistema de Exploração do Bovino Maronês

### VANTAGENS

- Estes animais possuem excelentes capacidades maternas, boa adaptação às condições naturais contribuindo para a fixação das populações nas zonas agrestes desta região;
- Contribuem para o aproveitamento de subprodutos de exploração agrícola;
- Não exigem grandes recursos, nomeadamente o factor terra;
- **Fornecem trabalho à exploração** e fornecem matéria orgânica necessária para a fertilização dos campos;
- Têm potencial para constituir uma fonte importante de rendimento para o agricultor sem que seja necessário alterar profundamente as estruturas dos sistemas de agricultura existente;
- São, em muitos casos, o único produto "transformável em moeda".

### DESVANTAGENS

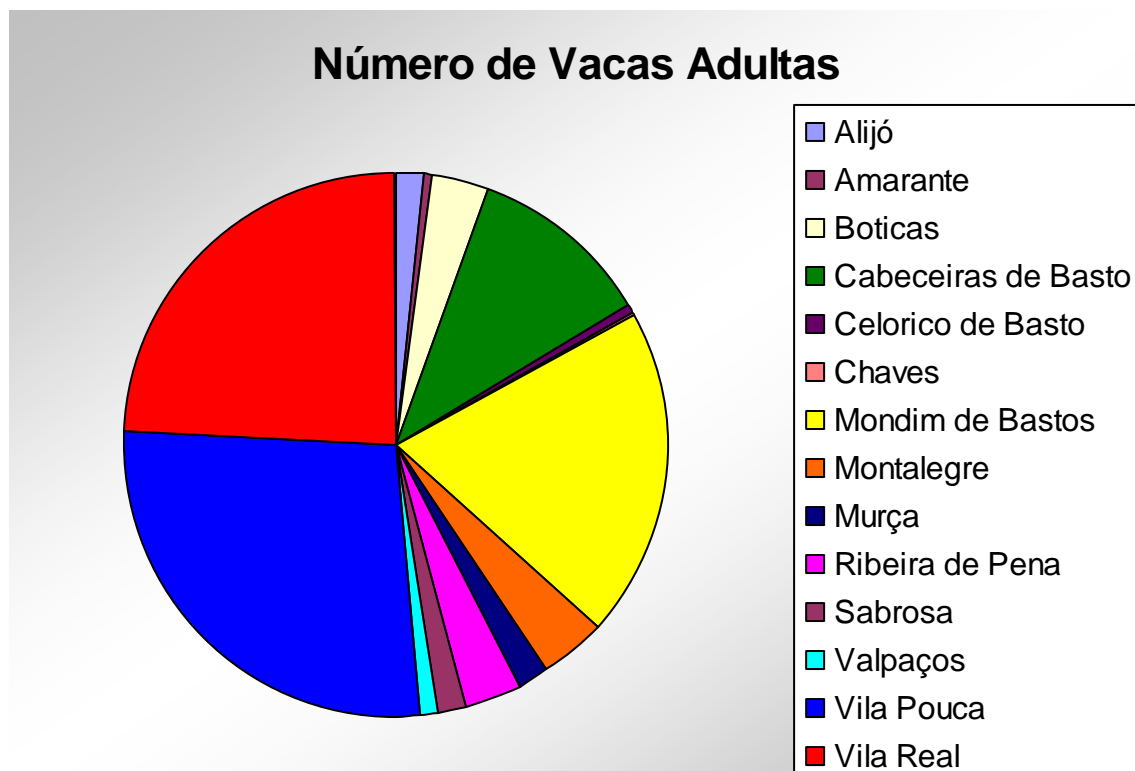
- Deficiente formação dos criadores que agem segundo costumes e tradições, pouco receptivos a inovações;
- Nº de cabeças por exploração normalmente baixo, não permitindo à maioria dos criadores proporcionar boas condições de vida à família exercendo apenas esta actividade;
- Ao nível do maneio *os criadores continuam a praticar métodos* um pouco ultrapassados e por **consequência não aproveitam todas as potencialidades dos animais que possuem**;
- *Deficiente rede de comercialização, abate e transformação*, tendo os animais de ser vendidos e/ou comprados nas feiras tradicionais com todos os inconvenientes de natureza sanitária, custos de transporte e participação de inúmeros agentes intermediários<sup>12</sup>.

### 3. CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA DE PRODUÇÃO

#### 3.1. Censos

A população Maronesa distribui-se pelo seu solar de criação de uma forma muito heterogénea.

Em 2003, as localidades de Vila Pouca de Aguiar, Vila Real e Ribeira de Pena apresentavam o maior número de vacas adultas da raça Maronesa, correspondendo a cerca de 65% do número total destes animais (5982 vacas)<sup>5</sup>. O número total de criadores situa-se nos 1931. O valor médio de encabeçamento ronda as 3,1 cabeças por produtor. Pelos reduzidos números observados podemos inferir que esta raça se encontra sob ameaça de extinção sendo assim classificada pelo Ministério da Agricultura Português<sup>17</sup>.

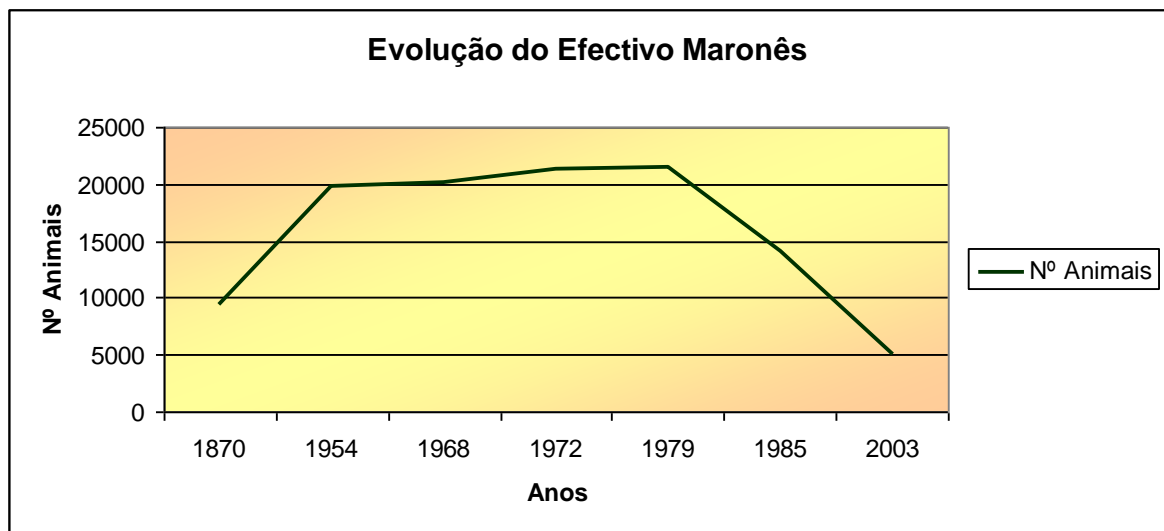


**Gráfico II** – Recenseamento de vacas maronesas adultas e a sua distribuição no distrito de Vila Real, ano de 2003<sup>5</sup>.

<i>Concelho</i>	<i>1870</i>	<i>1954</i>	<i>1968</i>	<i>1972</i>	<i>1979</i>	<b>1985</b>
Vila Real	2048	5811	7702	6491	7033	<b>4004</b>
Vila Pouca de Aguiar	3215	5301	5351	5976	5637	<b>4581</b>
Mondim de Basto	2180	3363	2655	3402	2637	1956
Ribeira de Pena	1542	3998	3309	3902	4816	2493
Murça	227	759	765	923	857	669
Sabrosa	206	612	459	619	515	429
<b>Total</b>	9454	19844	20205	21313	21495	14132

**Tabela III** - Levantamento do efectivo no âmbito do PDRITM (exclui animais com menos de 8 meses de idade ou por desmamar). Fonte: Recenseamentos e arrolamentos do INE<sup>10</sup>.

Como se pode observar pela análise da Tabela II, cujos dados estão concretizados no Gráfico III, o efectivo de bovinos da Raça Maronesa sofreu um crescendo desde 1870 (primeiros dados disponíveis) até cerca de 1980.



**Gráfico III** - Evolução do efectivo Maronês desde o ano de 1870 até 2003.

Contudo, após mais de um século de sucesso na exploração da raça, com mais de 20.000 mil animais inscritos, segue-se um período de intensa depressão e abandono, com indicação de cerca de 5.000 animais inscritos. Provavelmente é dentro destes números (ou pouco menos) que

se situa a realidade portuguesa actual, o que configura uma situação de raça autóctone ameaçada.

Infelizmente, mesmo com os programas de subsídio actualmente existentes, parece que o incentivo não é suficiente para estimular a aposta dos produtores nesta raça e corremos o risco de a longo prazo atingirmos números que a coloquem em real perigo de extinção. É importante criarem-se medidas mais agressivas que impeçam este cenário de se concretizar.

### **3.2. Sistema de Exploração**

O sistema de exploração está directamente relacionado com o ambiente típico da região transmontana, encontrando-se de acordo com as características socioeconómicas desta mesma região.

O sistema de exploração é caracterizado por uma estrutura fundiária minifundista e profundamente atomizada, de carácter familiar. A criação de gado Maronês encontra-se tipicamente marcada pelo reduzido capital de exploração bem como pelos factores ambientais.

Os animais encontram-se em regime de semi-estabulação sendo a sua alimentação de cariz misto para os bovinos adultos, predominando o pastoreio e a estabulação permanente dos jovens de acordo com o anteriormente referido.

### **3.3. Principais Patologias**

#### **3.3.1. Patologias Reprodutivas**

A incidência de patologias a nível do trato reprodutivo é bastante baixa. O registo da baixa percentagem de partos assistidos (5,3%) demonstra a elevada facilidade do parto da vaca Maronesa.

Algumas das patologias descritas são: **degenerescência quística do ovário** e **alterações da gestação** (hidroalantóide, prolapso vaginal de 3º grau e distócia por *Schistosoma reflexus*)<sup>19</sup>.

### 3.3.2. Patologias Digestivas

As principais doenças que afectam efectivos jovens são as **diarreias**. Esta patologia ataca vitelos geralmente entre o 1º e o 3º mês de vida, deixando-os bastante abatidos, com o pêlo eriçado e levando à perda de peso. Esta doença tem vindo a diminuir de intensidade, devido aos produtores terem tomado consciência da necessidade de recorrerem à desparasitação. Contudo, ainda há quem recorra a antigos métodos para combater este problema dando aos vitelos afectados, por exemplo, água com cinza e algumas ervas moídas<sup>10</sup>.

### 3.3.3. Patologias do Aparelho Locomotor

Uma outra doença que não causa tantos distúrbios como a 1ª é a **descarnação dos cascos** pelos produtores, chamado “farinhato”, que advém da estabulação permanente dos vitelos, por vezes em condições não muito aconselháveis como humidade exagerada das camas. Os criadores, como prevenção, tiram os vitelos das cortes e fazem com que andem pouco, para que os cascos sequem e se libertem do estrume que se acumula no seu interior<sup>10</sup>.



## 4. MATERIAL E MÉTODOS

Para a execução do presente trabalho foi elaborado um questionário visando abordar pontos essenciais referentes ao maneio destas explorações.

Relativamente à óptica zootécnica, as questões centram-se essencialmente nos animais presentes, no maneio alimentar e nas instalações utilizadas. Por outro lado, a nível médico-veterinário a reprodução, patologias mais frequentes e medidas profiláticas aplicadas foram os temas sugeridos.

As explorações seleccionadas localizam-se no distrito de Vila Real, no vale da Campeã e ainda na região do Alvão nomeadamente em Lamas de Olo, todas freguesias de Vila Real.

### 4.1. Caracterização da Localização Geográfica

▪ **Lamas de Olo** é uma freguesia portuguesa do concelho de Vila Real, integrada no Parque Natural do Alvão, com 29,34 km<sup>2</sup> de área e 177 habitantes (2001). Das 30 freguesias do concelho, é a 2.<sup>a</sup> em área, a 29.<sup>a</sup> em população residente e claramente a de menor densidade populacional (6,0 hab/km<sup>2</sup> — 1/5 do valor da segunda menos densamente povoada).

Inclui no seu território dois lugares: Dornelas, Lamas de Olo (sede). Lamas de Olo fez parte do concelho de Ermelo, extinto 3 de Dezembro de 1853, data em que passou para o concelho de Mondim de Basto. A 26 de Setembro de 1895, a freguesia foi transferida para o concelho de Vila Real<sup>13</sup>.

▪ **Adoufe** é uma freguesia portuguesa do concelho de Vila Real, de perfil semi-urbano, com 16,05 km<sup>2</sup> de área e 2 067 habitantes (2001), situada na margem direita do Rio Corgo e na vertente nascente da Serra

do Alvão. Das 30 freguesias do concelho, é a 10.<sup>a</sup> em área (*ex aequo* com Folhadela), a 8.<sup>a</sup> em população residente e a 11.<sup>a</sup> em densidade populacional (128,8 hab/km<sup>2</sup>).

Inclui no seu território os seguintes lugares: Adoufe, Borbelinha, Calçada, Cêdo, Couto (não confundir com a aldeia homónima da freguesia de Arroios), Escariz, Gravelos (sede), Minhava, Paredes, Rebordinho, Testeira e Vila Seca<sup>1</sup>.

▪ **Vila Pouca de Aguiar** é uma vila portuguesa no Distrito de Vila Real, Região Norte e sub-região do Alto Trás-os-Montes, com cerca de 3 500 habitantes.

É sede de um município com 432,68 km<sup>2</sup> de área e 14 998 habitantes (2001), subdividido em 18 freguesias. O município é limitado a norte por Chaves, a leste por Valpaços e Murça, a sul por Alijó, Sabrosa e Vila Real, a oeste por Ribeira de Pena e a noroeste por Boticas<sup>20</sup>.

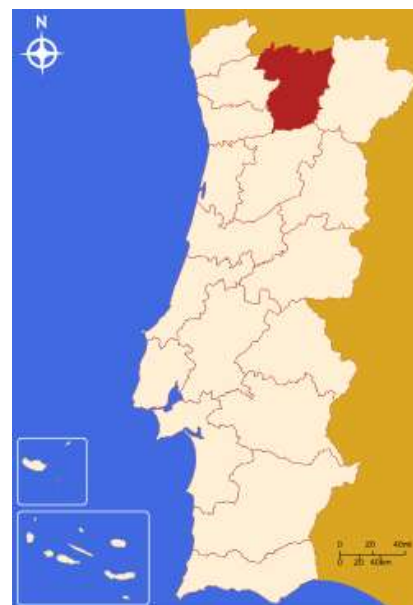
▪ **Campeã** é uma freguesia portuguesa do concelho de Vila Real, com 24,08 km<sup>2</sup> de área e 1 627 habitantes (2001), ocupando a maior parte da região com o mesmo nome, entre as serras do Marão e do Alvão. Das 30 freguesias do concelho, é a 3.<sup>a</sup> em área, a 12.<sup>a</sup> em população residente e a 20.<sup>a</sup> em densidade populacional (67,6 hab/km<sup>2</sup>).

Inclui no seu território os seguintes lugares: Aveção do Cabo, Aveção do Meio, Aveçãozinho, Balsa, Boavista, Chão Grande, Cotorinho, Espinho, Estalagem Nova, Lombameão, Parada, Pêpe, Pereiro, Pousada, Montes, Vendas (sede), Viariz da Poça, Viariz da Santa e Vila Nova (não confundir com a aldeia homónima da freguesia de Folhadela).

A região da Campeã pertenceu ao antigo concelho de Ermelo, tendo sido transferida para o de Vila Real pelo decreto de 31 de Dezembro de 1853 que extinguiu aquele<sup>7</sup>.

## ▪ Distrito de Vila Real<sup>11</sup>

Vila Real é um distrito de Portugal pertencente à antiga província de Trás-os-Montes e Alto Douro. Limita a norte com a Espanha, a leste com o Distrito de Bragança, a sul com o Distrito de Viseu e a oeste com o Distrito do Porto e com o Distrito de Braga. Sua área soma 4328 km<sup>2</sup> (sendo o 11º maior distrito português) e sua população residente é de 218 935 habitantes (2006). A sede do distrito é a cidade de Vila Real.



Mapa II – Distrito de Vila Real

O distrito de Vila Real subdivide-se nos seguintes catorze municípios:

- Alijó
- Boticas
- Chaves
- Mesão Frio
- Mondim de Basto
- Montalegre
- Murça
- Peso da Régua
- Ribeira de Pena
- Sabrosa
- Santa Marta de Penaguião
- Valpaços
- Vila Pouca de Aguiar
- Vila Real

## ▪ Município de Vila Real<sup>15</sup> (41º 17' N 7º 48' O)

<b>Gentílico</b>	<i>Vila-realense</i>
<b>Área</b>	377,08 km <sup>2</sup>
<b>População</b>	49 957 hab. (2001)
<b>Densidade populacional</b>	132,5 hab./km <sup>2</sup>
<b>N.º de freguesias</b>	30
<b>Fundação do município (ou foral)</b>	7 de Dezembro de 1272 (?) 4 de Janeiro de 1289



Mapa III – Município de Vila Real.

Vila Real é uma cidade portuguesa, capital do Distrito de Vila Real, na Região Norte e sub-região do Douro, com cerca de 25 000 habitantes.

É sede de um município com 377,08 km<sup>2</sup> de área e aproximadamente 50 000 habitantes (2006), subdividido em 30 freguesias. O município é limitado a norte pelos municípios de Ribeira de Pena e de Vila Pouca de Aguiar, a leste por Sabrosa, a sul pelo Peso da Régua, a sudoeste por Santa Marta de Penaguião, a oeste por Amarante e a noroeste por Mondim de Basto.

Crescida na confluência dos rios Corgo e Cabril, a cidade está enquadrada numa bela paisagem natural (Escarpas do Corgo), tendo como pano de fundo as serras do Marão e Alvão. Ao longo de mais de setecentos anos de existência, Vila Real ganhou os contornos que tem hoje, uma cidade de belos monumentos, onde se destacam os templos e as casas nobres, com os seus brasões bem à vista, algo que levou a que, outrora, fosse conhecida como a Corte de Trás-os-Montes.

Devido à sua situação geográfica (as Serras do Marão e Alvão actuam como barreiras naturais), Vila Real tem um clima de extremos: tem um Inverno bastante prolongado, sendo o frio constante, chegando as temperaturas frequentemente abaixo dos 0°C; é comum nevar pelo menos uma vez por ano. O Verão é bastante quente. Os dias intermédios são raros, sendo as diferenças de temperatura bastante bruscas. A temperatura mínima média anual é de -1,1°C e a máxima média é de 14,2 °C.

## Freguesias do concelho de Vila Real

O concelho de Vila Real é composto por 30 freguesias, 3 das quais consideradas urbanas:

- Abaças
- Adoufe
- Andrães
- Arroios (periurbana)
- Borbela (periurbana)
- Campeã
- Constantim (periurbana)
- Ermida
- Folhadela (periurbana)
- Guiães
- Justes
- Lamas
- Lamas de Olo
- Lordelo (periurbana)
- Mateus (periurbana)
- Mondrões
- Mouços
- Nogueira
- Nossa Senhora da Conceição (urbana)
- Parada de Cunhos (periurbana)
- Pena
- Quintã
- São Dinis (urbana)
- São Pedro (urbana)
- São Tomé do Castelo
- Torgueda
- Vale de Nogueiras
- Vila Cova
- Vila Marim
- Vilarinho de Samardã



Mapa IV – Freguesias do Concelho de Vila Real visitadas (setas).

## **4.2. Inquérito**

Foi realizado um modelo de inquérito com vista a caracterizar o maneio e as instalações de exploração do bovino Maronês e as principais patologias que afectam esta raça.

### **4.2.1. Selecção das Explorações**

Para a selecção dos candidatos dirigimo-nos à Associação de Criadores da Raça Maronesa, situada em Abambres, Vila Real. Foi solicitada uma listagem dos criadores sócios da associação, junto com a sua identificação, morada, contacto e número de animais inscritos. Selecionamos nove explorações divididas entre as freguesias de Lamas de Olo, Campeã, Adoufe e pelos municípios de Alijó e Vila Pouca de Aguiar.

### **4.2.2. Identificação**

O cabeçalho do inquérito visa identificar o proprietário da exploração (nome e contacto), a sua localização (freguesia, localidade e concelho) e o número de animais que possui.

### **4.2.3. Maneio e Zootecnia**

Nesta secção pretende-se esclarecer se os produtores se dedicam exclusivamente à produção de bovinos Maroneses ou se possuem outras raças da mesma ou de outras aptidões. Outro ponto importante é a composição do efectivo e se este acompanha a tendência para o recurso à

inseminação artificial (com a diminuição do número de machos por exploração), estudando a proporção machos/fêmeas/crias.

No que concerne à alimentação, o objectivo é confirmar o recurso às pastagens e produtos agrícolas como base da nutrição desta raça. Assim, seguem-se perguntas para caracterizar as pastagens usadas, nomeadamente no que se refere à sua composição, área e frequência de utilização.

Em relação às instalações questionam-se os produtores quanto ao tipo, reaproveitamento de exploração anterior distinta e as medidas de higiene e desinfectação levadas a cabo. Desta forma procura-se concluir do uso das referidas instalações exclusivamente para a raça maronesa ou se anteriormente serviam outras raças e/ou aptidões.

No que toca à reprodução da raça, foram elaboradas questões cujas respostas se pretende que elucidem qual o método reprodutivo prevalente e confirmar a facilidade de parto descrita na bibliografia consultada.

#### **4.2.4. Acompanhamento Médico-veterinário**

Neste endereço são realizadas questões sobre as principais patologias que afectam a raça bovina Maronesa, já que as publicações a este respeito são escassas, e a mortalidade que delas advém.

Os pontos seguintes referem-se à identificação do clínico assistente, a frequência de visita às explorações e os principais motivos da sua chamada pelo criador. O objectivo destes itens é aferir se as explorações têm um bom acompanhamento veterinário e qual o grau de cooperação clínico-produtor.

A última pergunta reporta-se às medidas profiláticas aplicadas na exploração nomeadamente no que se refere à vacinação e desparasitação dos animais.

## 5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

	Machos	Fêmeas	Crias	Partos/Ano/Fêmea	Viabilidade Recria (%)	Mortes/Ano
<b>Exploração 1</b>	<b>2</b>	<b>26</b>	<b>17</b>	<b>1</b>	<b>90</b>	3-5
<b>Exploração 2</b>	<b>0</b>	<b>12</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>85 - 95</b>	1
<b>Exploração 3</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>95</b>	0,5
<b>Exploração 4</b>	<b>1</b>	<b>27</b>	<b>13</b>	<b>1</b>	<b>100</b>	0
<b>Exploração 5</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>100</b>	0
<b>Exploração 6</b>	<b>1</b>	<b>12</b>	<b>14</b>	<b>0,8</b>	<b>±100</b>	0
<b>Exploração 7</b>	<b>3</b>	<b>120</b>	<b>80</b>	<b>1</b>	<b>±100</b>	1-2
<b>Exploração 8</b>	<b>1</b>	<b>10</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>95</b>	0
<b>Exploração 9</b>	<b>0</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>100</b>	0

**Tabela IV** – Sumarização de dados recolhidos durante os inquéritos realizados nas explorações.

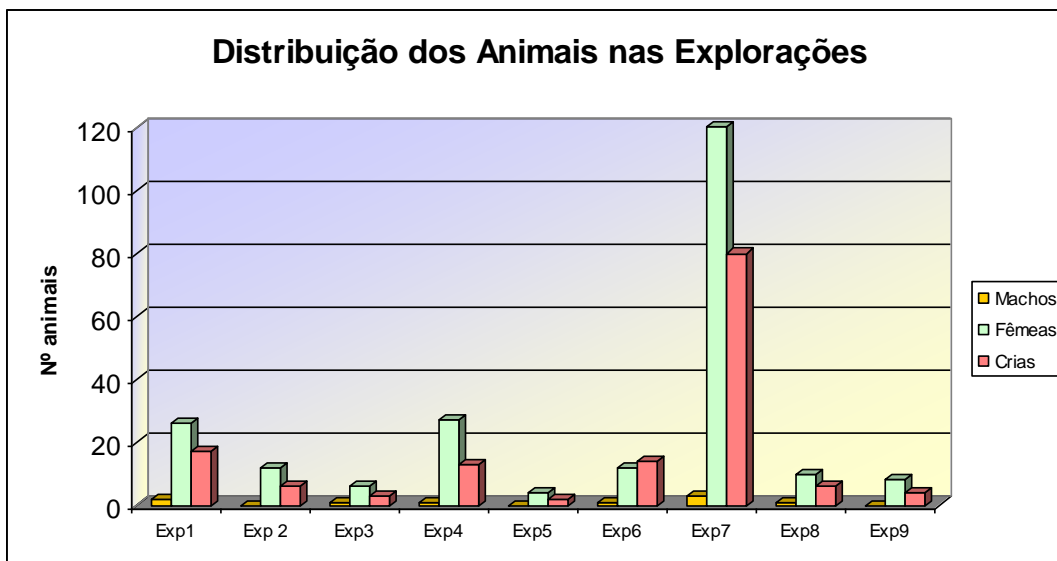
Na Tabela IV, encontram-se compilados os dados relativos ao número de animais existentes em cada exploração e à sua proporção, à fecundidade anual das fêmeas e à mortalidade da recria.

Podemos concluir que todas as explorações são constituídas por uma maioria de fêmeas e crias, e que os machos ou estão ausentes (recorrendo-se a um touro comunitário, da aldeia ou dos arredores) ou constituem uma reduzida percentagem do efectivo (Gráfico IV).

Relativamente ao tipo de explorações da raça Maronesa podemos classificá-las em 3 graus conforme o número de animais que alojam. Assim:

- Explorações Familiares ( $\leq 20$  animais) – incluímos as explorações **2, 3, 5 e 9**.
- Explorações Intermédias ( $> 20$  e  $< 60$  animais) – incluímos as explorações **1, 4, 6 e 8**.
- Explorações Comerciais ( $\geq 60$  animais) – apenas representada pela exploração **7**.





**Gráfico IV** – Distribuição dos animais nas explorações visitadas.

Pelos dados recolhidos é possível inferir da facilidade de parto desta raça. Em todos os inquéritos, os produtores foram unânimes ao afirmar que raramente têm problemas reprodutivos. Mesmo na ausência de montas dirigidas, em que inadvertidamente são montadas algumas vitelas, estas não apresentam problemas de partos distócicos ou desproporção materno-fetal. Em média cada fêmea produz uma cria por ano, sem se detectarem pressões produtivas por parte dos criadores.

Em geral, as crias apresentam elevada viabilidade, sendo raros os casos de mortalidade nesta idade referidos pelos proprietários (será abordado o tema mais adiante).

No que concerne a todo o efectivo, a mortalidade é muito reduzida e devido a causas inespecíficas, sendo apenas eliminados os animais velhos e no final do ciclo produtivo.

### **Alimento**

Confirmando as indicações dadas pela bibliografia, concluiu-se que a alimentação destes animais é em geral muito pobre, sendo constituída pela vegetação espontânea da zona e um ou outro componente adicionado pelos produtores. Foi referido a adição de ração comercial na exploração comercial.

O principal constituinte da dieta dos bovinos é o feno (8 explorações), seguido do pasto (7 explorações) e da erva (5 explorações). Ocasionalmente, foi indicado a utilização de batatas e silagem de milho, principalmente no Inverno para complementar a escassez de pastagens.

### **Pastagens**

Composição – 3 das explorações possuíam pastagem especial para os bovinos, constituída por azevém, aveia e/ou trevo. Nos restantes casos, a pastagem consistia em terrenos baldios compostos por pasto natural, erva e mato.

Área – relativamente a este ponto, as respostas foram muito variadas. Nomeadamente nas explorações situadas na freguesia de Lamas de Olo não foi apontada uma área concreta de pastagem, uma vez que aí é praticado um regime de pastoreio livre, em que os animais transitam livremente entre terras baldias ou de vários proprietários.

Em relação às explorações familiares, os animais têm acesso a terrenos próprios dos seus criadores, com uma área média que ronda os 5 hectares. Na exploração comercial, os bovinos têm à disposição pastagens de grandes dimensões e com excelentes condições, incluindo zonas de sombra e outras a descoberto, cursos de água natural e ainda vários bebedouros automáticos localizados estrategicamente. Nesta exploração existe ainda uma área mais pequena de 4 hectares dedicada à recuperação de animais mais débeis ou com sinais de magreza, aos quais é administrado alimento mais rico. Excepcionalmente, uma das explorações intermédias visitadas possuía uma extensa pastagem de 30 hectares, sendo partilhada por bovinos de outras raças e aptidões.

Frequência – quase sem excepção os animais têm acesso ilimitado à pastagem durante todo o ano, sendo libertados pela manhã cedo e recolhidos nas instalações ao entardecer.

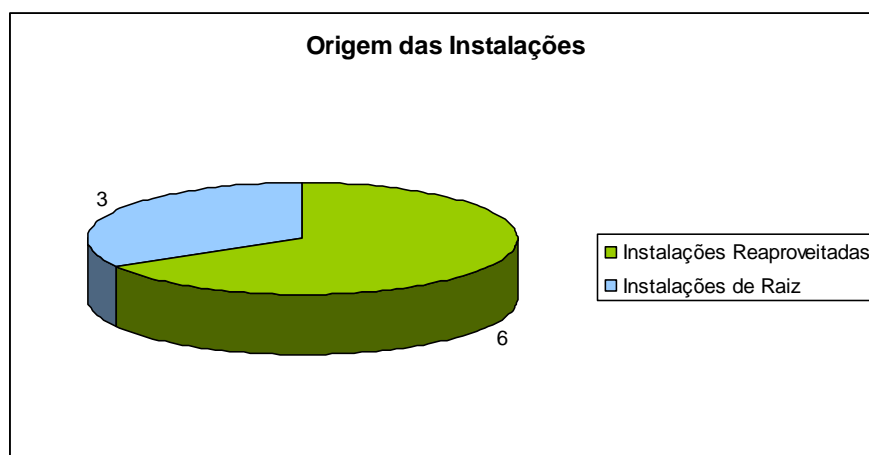
## **Instalações**

Tipo – durante as visitas averiguamos que, na generalidade, as explorações familiares são constituídas por instalações primitivas e em mau estado de conservação. 44% das explorações possuem corte/curral, ou seja, uma instalação coberta e sem divisões individuais para cada bovino, degradadas e com má higiene.

Contudo, 56% já possuem estábulos com alojamento individual e melhores condições hígio-sanitárias.

A exploração comercial possui um estábulo com excelentes condições e desenhado para o efeito (ver fotos anexo III).

Origem – como se pode observar pelo gráfico V, a maioria das instalações são reaproveitadas da exploração de outras raças/aptidões bovinas, com alguma antiguidade e mau estado de conservação. Apenas três das explorações apresentavam instalações construídas para o efeito.



**Gráfico V** – Origem das instalações providenciadas aos bovinos

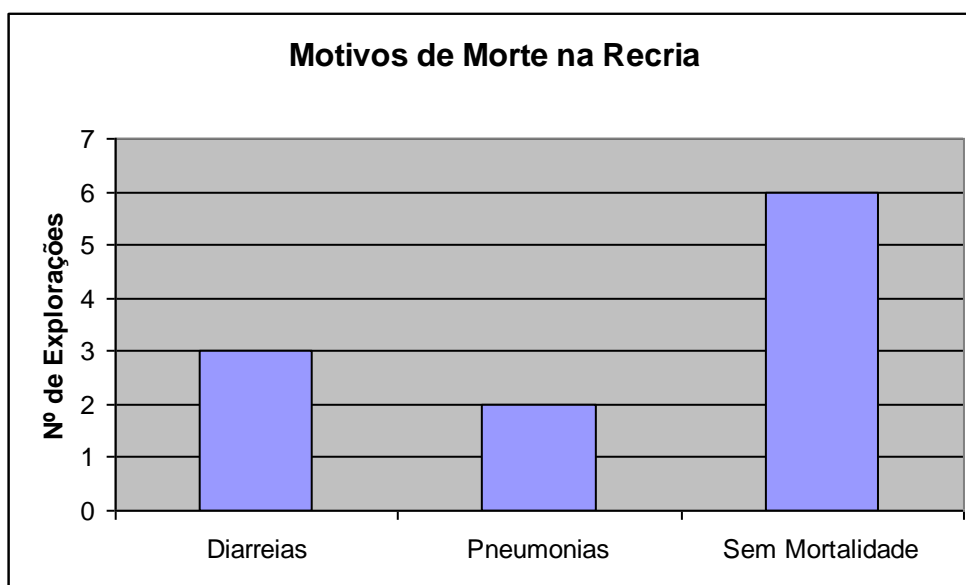
Limpeza, desinfecção e desinfestação – como já vem sendo referido, a higiene das instalações é reduzida. Foi relatada a recolha ocasional de estrume, com limpeza anual ou bianual, mais frequente no Inverno. A desinfecção é rara, tendo sido apenas referida em duas explorações. Na exploração comercial notam-se maiores cuidados na desinfecção das instalações, sendo praticada três vezes por ano.

### **Maneio Reprodutivo**

A generalidade dos produtores recorre à monta natural não dirigida, já que os animais estão soltos na pastagem e sem qualquer controlo reprodutivo. Em algumas situações, em que o criador não possui um macho na exploração, recorre-se a um touro comunitário que faz a cobrição das fêmeas da exploração. Apenas duas das explorações recorrem a inseminação artificial, incentivada pela ACM e com o objectivo de selecção e melhoramento da raça.

### **Assistência Médico-veterinária**

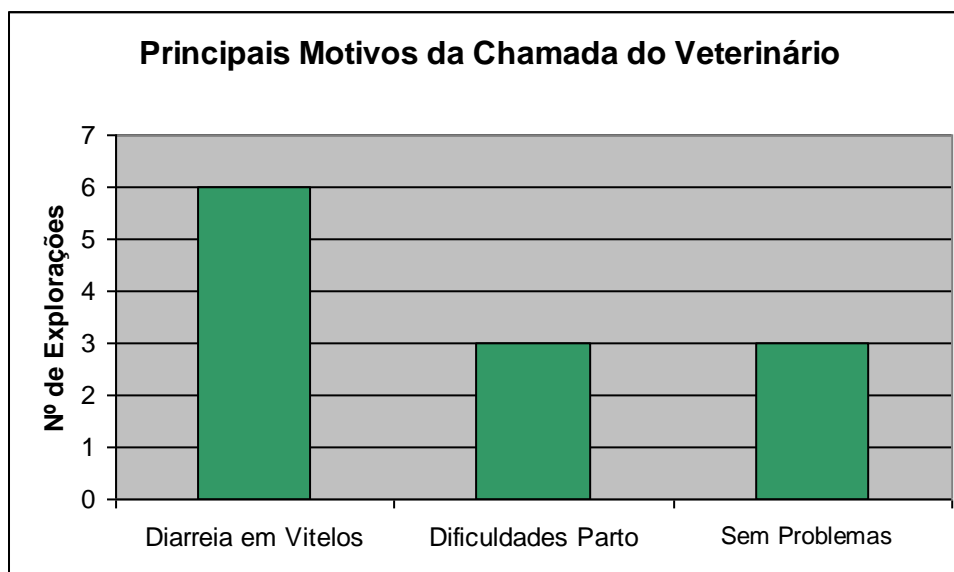
Principais patologias e causas de mortalidade – justificando a rusticidade e a resistência da raça são raros os relatos de patologias nestes animais, e ainda menos frequente a mortalidade que possa daí resultar. Como se pode visualizar no gráfico VI, a maioria dos casos clínicos incluem diarreias e pneumonias e atingem fundamentalmente a faixa etária da recria.



**Gráfico VI** – Principais motivos de morte na recria.

Principais motivos de chamada do veterinário – a assistência veterinária destas explorações é muito reduzida, sendo que a grande maioria dos produtores não sabe identificar o clínico que visita as suas explorações.

Apenas se recorre aos serviços do médico veterinário quando é necessário e imprescindível. Os principais motivos estão assinalados no gráfico VII.



**Gráfico VII** – Principais motivos da chamada do Médico Veterinário às explorações.

### **Programas profiláticos**

Sem excepção verifica-se que as vacinações e desparasitações são feitas em campanhas anuais, levadas a cabo pelas ADS regionais. No caso dos vitelos e na primeira desparasitação e vacinação, esta é realizada pela Associação de Criadores da Raça Maronesa juntamente com a colocação dos brincos de identificação e registo no livro da raça.

## **6- CONCLUSÕES**

Pelos resultados obtidos podemos concluir da rusticidade da raça Maronesa, adaptada à dureza do clima de Trás-os-Montes e Alto Douro e à sua grande amplitude, aos solos pobres e ao reduzido maneio pelos produtores. Os criadores em geral são pessoas da classe média-baixa e baixa que se sustentam com poucos recursos da actividade agrícola. A maioria dos produtores inquiridos criava bovinos de aptidão leiteira mas dado os elevados custos de produção, o aumento das matérias-primas e

os subsídios atribuídos à produção de bovinos maroneses, optaram por abandonar a criação de raças leiteiras e substituir o seu efectivo pela raça autóctone.

Assim, a maioria das explorações visitadas eram aproveitadas da anterior criação de bovinos leiteiros, as instalações eram antigas e degradadas, com um nível de higiene reduzido e com pouca manutenção. Os bovinos tinham acesso a pastos livres partilhados com outros produtores onde obtinham a maior parte do seu alimento.

As explorações na sua maioria são do tipo familiar com um nível médio de encabeçamento de 3,1 cabeças/produtor, sendo compostas por uma maior percentagem de fêmeas e de crias, com um ou dois machos para cobertura natural ou sem machos, recorrendo-se à inseminação artificial.

Em geral, não se verificam problemas reprodutivos, as fêmeas têm em média um parto por ano e as crias obtidas caracterizam-se pela sua elevada viabilidade. Relativamente às patologias foram apontadas como mais prevalentes as do foro respiratório e digestivo, nomeadamente diarreias, e principalmente em vitelos.

Quase sem excepção, estas explorações não possuem um acompanhamento médico-veterinário permanente sendo o apoio do médico veterinário apenas requisitado em casos de patologia evidente ou para realização de profilaxia vacinal e/ou da aplicação de desparasitação. Neste sentido, verificou-se que grande parte dos criadores não sabe ou não conhece o médico veterinário, não referindo o seu nome.

Mediante o trabalho realizado e as principais evidências apontadas, e também a bibliografia consultada, concluiu-se que a raça Maronesa não se encontra no exponencial máximo de exploração que pode vir a atingir dada a procura da sua carne DOP e a atribuição de subsídios. Seria importante implementar programas de vigilância e acompanhamento

médico mais exaustivo para diminuir a mortalidade e a morbilidade de patologias crónicas ou debilitantes.

Ainda assim, os recentes programas de subsidiamento à produção têm contribuído para a manutenção de um número razoável de animais da raça Maronesa, embora pelos censos consultados estejamos no nível mais baixo de sempre, o que classifica a raça como ameaçada e em risco de extinção<sup>17</sup>.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Adoufe, 2008. In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Adoufe>, acesso em 28 de Maio de 2008
2. ALVES, V.C., 1990. *Estudo da Produtividade e Rentabilidade nos Bovinos Locais*, Relatório Final de Estágio, UTAD. Vila Real
3. ALVES, V.C., 1993. *Estudo sobre a Raça Maronesa*, Tese de Doutoramento, UTAD. Vila Real 50684
4. ALVES, V., 2004. *Evolução Filogenéticas dos Bovinos Autóctones Portugueses*, II Jornadas Técnicas de Raças Bovinas Autóctones, Escola Superior Agrária. Castelo Branco
5. ALVES, V., TEIXEIRA, P., 2006, *Raça Bovina Maronesa*, Voz da Terra (Coimbra), 46: 11-20.
6. Associação de Criadores da Raça Maronesa, *A Raça*, Publicações, 2008. In: <http://www.marones.pt/>, acesso em 20 de Maio de 2008
7. Campeã. In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Campe%C3%A3>, acesso em 28 de Maio de 2008
8. Carne Maronesa DOP, 2008. In: <http://www.carnemaronesadop.com/carnedop.html>, acesso em 20 de Maio
9. CARVALHO, P., 2001, *Estudo da Performance de Novilhos Maroneses* [RZ – 73798]



10. CORREIA, C., 1992, *Caracterização do Sistema de Exploração da Raça Bovina Maronesa na Serra do Alvão* [RZ-48578]. UTAD
11. Distrito de Vila Real, 2008. In: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito\\_de\\_Vila\\_Real](http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_de_Vila_Real), acesso em 30 de Maio de 2008
12. FERREIRA, R., 1952. *Caracterização do Sistema de Exploração da Raça Bovina Maronesa no Concelho de Ribeira de Pena*. Vila Real
13. Lamas de Olo. In: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lamas\\_de\\_Olo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lamas_de_Olo), acesso em 28 de Maio de 2008
14. MONTEIRO, D., MESTRE, R., FONTES, A., AZEVEDO, J., 2005. *A Raça Bovina Maronesa, Projecto Douro/Duero Formas Complementares de Valorização dos Produtos Animais*. Vila Real. 2-4
15. Município de Vila Real, 2008. In: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila\\_Real](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Real), acesso em 30 de Maio de 2008
16. PETIM, F., 1989. *Estudos dos Aspectos Reprodutivos da Raça Maronesa*, pág. 76
17. Portaria n.º 534/2002. Anexo VI. In: *Diário da República I Série B* de 24 de Maio
18. SILVA, A., 2001. *Projecto de Valorização da Raça Bovina Maronesa*. Vila Real (RZ-71730)
19. SIMÕES, J., Mascarenhas, R., Teixeira, F., Santos, C., Madureira, M., 2008. *Patologias da Reprodução em Bovinos da Raça Maronesa*, Revista Electrónica de Clínica Veterinária, Vol. III, 4: 1-12

20. Vila Pouca de Aguiar, 2008. *In:*  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila\\_pouca\\_de\\_aguiar](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_pouca_de_aguiar), acesso em 28 de Maio  
de 2008

## **ANEXO I**

Inquérito Modelo a realizar aos produtores nas visitas a explorações de bovinos de raça Maronesa em freguesias do distrito de Vila Real

<b>Identificação da Exploração</b>	
Nome Proprietário: _____	
Freguesia: _____	Localidade: _____
Concelho: _____	Nº Animais: _____
Contacto: _____	

1.- Quais as raças que tem na exploração?

2.- Qual a proporção machos/fêmeas/crias?

3.- Qual o tipo de alimento que é dado aos animais?

#### **4.- Pastagem**

4.1.- Composição

4.2.- Área

4.3.- Frequência de pastagem

#### **5.- Instalações**

5.1.- Tipo

5.2.- Origem (reaproveitada/de raiz)

5.3.- Higiene/Desinfecção/Desinfestação

6.- Qual o programa de reprodução e o maneio reprodutivo levado a cabo?

- 7.- Quantos partos têm por ano e qual a viabilidade da recria?
- 8.- Quais as principais doenças e quais doenças levam a maior mortalidade?
- 9.- Qual o nível médio de mortalidade na exploração?
- 10.- Quem é o veterinário?
- 11.- Quantas vezes vem à exploração em média?
- 12.- Quais os principais motivos da vinda do veterinário?
- 13.- Quais os programas profiláticos levados a cabo na exploração?

## Anexo II

### Fotografias captadas nas explorações visitadas pelo grupo

#### Exploração do Freixo



Caracterização da Raça Maronesa – Maneio, Instalações e Patologias



### Exploração de Gravelos



### Explorações da Campeã



## Caracterização da Raça Maronesa – Maneio, Instalações e Patologias



## Exploração de Zimão

